



CAMPANHA
PRIMAVERA
PARA A VIDA



MULHERES DE FÉ: GUARDIÃS DA CASA COMUM

"O reino dos céus é semelhante ao fermento que uma mulher tomou e escondeu em três medidas de farinha até que tudo ficasse fermentado." (Mt 13,33)



CAMPANHA PRIMAVERA PARA A VIDA

MULHERES DE FÉ: GUARDIÃS DA CASA COMUM

"O reino dos céus é semelhante ao fermento que uma mulher tomou e escondeu em três medidas de farinha até que tudo ficasse fermentado." (Mt 13,33)



Direito de Edição, Publicação e

Distribuição:

Coordenadoria Ecumênica de Serviço
– CESE

Título da Obra: Campanha Primavera
para a Vida 2025

Subtítulo da Obra: Mulheres de fé:
Guardiãs da casa comum: "O reino dos
céus é semelhante ao fermento que
uma mulher tomou e escondeu em
três medidas de farinha até que tudo
ficasse fermentado." (Mt 13.33)

Ano da publicação: 2025

Autoria:

Gabrielle Sodré | Ilustração I
Diagramação | Projeto Gráfico | Brasil

Lucyvanda Moura | Revisora | Brasil

Angelica Tostes | Autora | Brasil

Edineia Oliveira | Autora | Brasil

Gabriela Amorim | Autora | Brasil

Gilvaneide José dos Santos | Autora |
Brasil

Ildemara Bomfim | Autora | Brasil

Lucia Dal Pont | Autora | Brasil

Romi Márcia Bencke | Autora | Brasil

Sônia Gomes Mota | Autora | Brasil

Bianca Dáebs Seixas Almeida |
Organizadora | Brasil

Marília Pinto | Organizadora | Brasil

Patricia Gordano | Organizadora | Brasil

Editora: Soffia10

Coeditora: CESE – Coordenadoria
Ecumênica de Serviço

Local: Salvador/BA

Ano: 2025

A CESE é uma organização da sociedade civil, sem fins lucrativos, formada por igrejas cristãs, apoiada financeiramente por Brot fur die Welt (Pão Para o Mundo), Misereor, União Europeia, Fundação Ford, Fundação Wilde Ganzen, Ministério das Relações Exteriores – Governo Holandês, Heks – Eper, DKA Áustria, Instituto Ibirapitanga e Fundo Amazônia / BNDES.

A **Campanha Primavera para a Vida** tem o apoio de Brot fur die Welt (Pão
Para o Mundo) e Programa Doar para Transformar.



doar•
PARAtransformar



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Mulheres de fé : guardiãs da Casa Comum : "O reino dos céus é semelhante ao fermento que uma mulher tomou e escondeu em três medidas de farinha até que tudo ficasse fermentado" (Mt 13.33) / [organização Bianca Dáebs Seixas Almeida, Marília Pinto, Patricia Gordano ; ilustração Gabrielle Sodré]. -- Salvador, BA : Campanha Primavera para a Vida, 2025.

Várias autoras.

ISBN 978-65-988602-0-2

1. Justiça social 2. Movimentos sociais
3. Mulheres - Aspectos religiosos - Cristianismo
4. Mulheres - Aspectos sociais 5. Mulheres na Bíblia
6. Mulheres - Histórias de vida 7. Projetos socioambientais 8. Teologia social I. Almeida, Bianca Dáebs Seixas. II. Pinto, Marilia. III. Gordano, Patricia. IV. Sodré, Gabrielle.

25-298490.0

CDD-261

índices para catálogo sistemático:

1. Teologia social 261

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

Coordenadoria Ecumênica de Serviço – CESE
Rua da Graça, 164 – Graça – Salvador/BA

Saiba mais em:

cese.org.br | cese@cese.org.br |  @cesedireitos

índice



APRESENTAÇÃO	6
MULHERES DE FÉ: GUARDIÃS DA CASA COMUM Pastora Sônia Gomes Mota Coordenadoria Ecumênica de Serviço CESE	6
REFLEXÕES BÍBLICO-TEOLÓGICAS	9
ÁGUAS – MULHERES – ÁGUAS PELO BEM VIVER Pastora Romi Márcia Bencke Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil IECLB	10
BUSCANDO A SABEDORIA ENTRE AS ÁRVORES: DÉBORA, A MULHER ARDENTE Teóloga Angelica Tostes Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular CESEEP	16
ESPIRITUALIDADE NOS SUSTENTA E A FÉ NOS MOVE Reverenda Lucia Dal Pont Igreja Episcopal Anglicana do Brasil IEAB	21
MULHERES CUIDADORAS DA CRIAÇÃO, INSPIRAÇÃO QUE NOS FORTALECE Presbítera Edineia Oliveira Igreja Presbiteriana Unida do Brasil IPU	27

MULHERES! O CUIDADO COM A CASA COMUM: FÉ, CORAGEM E RESPONSABILIDADE AMBIENTAL 32

Gilvaneide José dos Santos
Aliança de Batistas do Brasil | ABB

RUTE: MULHER DE FÉ, GUARDIÃ DA CASA, EXEMPLO DE CUIDADO 37

Pastora Ildeomara Bomfim
Igreja Presbiteriana Independente do Brasil | IPIB

HISTÓRIAS DE VIDA 40

A atuação de mulheres negras em rede pelo Bem Viver e no combate ao racismo ambiental 41

“AS COMUNIDADES SEMPRE VIVERAM DE FORMA AGROECOLÓGICA” 44

A luta por uma justiça climática antirracista e comprometida com os territórios 48

CONSTRUIR AUTONOMIA FINANCEIRA PARA FORTALECER OS POVOS INDÍGENAS 52

Dona Nazaré e as parteiras que reflorestam o Alto do Juruá 56

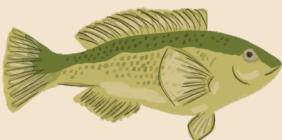
Gabriela Amorim | Brasil



APRESENTAÇÃO

Mulheres de fé: Guardiãs da Casa Comum

"O reino dos céus é semelhante ao fermento que uma mulher tomou e escondeu em três medidas de farinha até que tudo ficasse fermentado." (Mt 13,33)



Pastora Sônia Gomes Mota
Coordenadoria Ecumênica de Serviço | CESE

Quando a primavera chega trazendo com ela o ciclo da vida que se renova, a CESE também dá início à Campanha Primavera para a Vida. Há vinte e cinco anos celebramos a chegada desta estação oferecendo às igrejas material de reflexão bíblica, em diálogo com um tema atual e desafiador, para ser usado em reuniões, encontros, estudos e catequese. Cada tema escolhido reflete o nosso compromisso com a defesa de direitos, o cuidado com a Casa Comum, o compromisso com o Bem-Viver e a defesa da dignidade, autonomia e autodeterminação dos povos das águas, das terras, das florestas e das cidades.

Diante da grave crise climática que estamos atravessando e das terríveis consequências que se abatem sobre a vida das pessoas, principalmente das populações mais vulnerabilizadas, decidimos, uma vez mais, trazer a questão climática com seus desafios a partir

da perspectiva das mulheres. Por que essa perspectiva? Porque são as mulheres as mais impactadas e são elas que, há bastante tempo, vêm denunciando o quanto o sistema patriarcal, capitalista tem levado ao colapso climático. Ao mesmo tempo, são também elas que, em muitas comunidades, mantêm as hortas, buscam água, cuidam dos filhos/as e das pessoas idosas, preservam os saberes ancestrais sobre a terra e os ciclos da natureza. São mulheres de fé, que oram, lutam e agem.



No texto que nos inspira de Mt 13.33, Jesus compara o Reino de Deus como o fermento na massa que cresce silenciosa e profundamente, transformando tudo ao seu redor. E quem realiza esse gesto simbólico e poderoso é uma mulher. Ela é a portadora do fermento, a agente da transformação, aquela que age com sabedoria e fé, crendo que grandes transformações às vezes começam de forma oculta e silenciosa. É o que temos testemunhado ao ob-

servar a atuação das mulheres em seus territórios. São as mulheres que sofrem sob o peso da destruição ambiental, das mudanças no clima, da escassez de água e alimentos. São impactadas diretamente, mas também são protagonistas na resistência profética — que denuncia a voracidade econômica e política que destrói a Casa Comum — e nos ensinam que é possível construir relações de cuidado, respeito e uso sustentável dos recursos naturais.

Nesta publicação, a leitora e o leitor encontrarão valiosas contribuições das pessoas que escreveram os textos, representando a diversidade de olhares das igrejas que compõem a CESE, além de depoimentos compartilhados pelos projetos apoiados e por organizações parceiras que enriqueceram esta obra com suas reflexões e partilhas, revelando a força e resistência das mulheres fermentando e gerando vida.

Por meio desta publicação, buscamos apoiar as igrejas e comunidades de fé em suas reuni-

ões, encontros, estudos bíblicos e processos catequéticos, contribuindo para a formação de uma consciência crítica e comprometida com a justiça, a paz e a vida em abundância para todas as pessoas.

Que a Primavera nos encontre fermentando a massa e vendo crescer a espiritualidade libertadora e a ação transformadora, reafirmando que fé, justiça e resistência caminham juntas.



SÔNIA GOMES MOTA

Diretora Executiva da CESE.



REFLEXÕES BÍBLICO-TEOLÓGICAS

Águas – mulheres – águas pelo bem viver



Pastora Romi Márcia Bencke

Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil | IECLB

Na bíblia há muitas histórias que indicam uma relação íntima, corajosa e de ressignificação de existências de mulheres com as águas.

Comecemos por uma das histórias bíblicas mais conhecidas que mostram as águas como fontes de refúgio para mulheres que enfrentaram o poder destruidor do patriarcado.

As mulheres que desobedeceram ao Faraó: **Joquebede**, mãe de Moisés (Ex 6.20), **Miriam**, irmã de Moisés (Ex 2. 1-4), **Sifrá e Puá**, as parteiras que apoiaram Joquebede e não cumpriram a ordem do Faraó de matar os meninos recém nascidos (Ex 1.22), a **filha do Faraó** que criou Moisés (Ex 2.5) e suas **amas ou servas**, que tiraram Moisés das águas e ajudaram a filha do Faraó a criá-lo (Ex 2.5).

A mulher que sobreviveu à sede no deserto: Agar ou Hagar é conhecida como a escrava que foi obrigada a dar um filho a Abrão, por causa da esterilidade de Sara, sua primeira esposa. Agar não teve direito a se manifestar. Não sabemos o que significou para ela ser obrigada a ficar grávida para garantir a continuidade do legado do homem a cuja esposa Agar servia. Conta a histórica bíblica que tempos depois

de Agar ter dado à luz, Sara finalmente engravidou. Agar foi expulsa da casa de seu senhor e sua senhora com Ismael, o filho gerado por ela para garantir o legado do patriarca. Abrão, ao expulsar Agar e a criança, lhes deu um pouco de pão e água. O mantimento não foi suficiente. Agar andou pelo deserto. Com fome e sede, tinha certeza que nem ela e nem Ismael sobreviveriam. Desesperada, procurou água entre as montanhas do deserto. Possivelmente, ela tinha certo conhecimento da topografia do lugar onde estava, afinal, buscar água no poço para deixar os jarros cheios era uma das muitas tarefas das mulheres. Em meio ao desespero, foi perdendo a esperança até que deixou Ismael, uma criança já sem forças, em um lugar para que descansasse. Agar sentou-se em um lugar de onde conseguia velar por Ismael à distância. Ela e a criança choravam de desespero. Até que um anjo (Gn 21.15) apareceu para ela, dizendo que Deus ouvira a voz da criança. O anjo pediu que Agar fosse até Ismael, desse a ele suas mãos, pois Deus faria de Ismael um grande

povo. Ao abrir os olhos, Agar viu o poço com água que ela tanto procurou. Ismael e Agar conseguiram sobreviver.

Muitos, mas muitos anos depois destas histórias, após muitas guerras, fomes, dominações, na Palestina antiga, um lugar com muitas culturas e diferentes formas de viver a experiência com Deus, Jesus, um judeu errante, encontrou uma mulher samaritana à beira de um poço. Jesus pediu água para ela e, a partir deste pedido, ambos conversaram, trocaram impressões sobre a vida e sobre Deus (Jo 4.7-26). Foi à beira do poço que Jesus e a Samaritana romperam estigmas de gênero.

Desta conversa, surgiu uma amizade improvável, entre um judeu e uma samaritana. Por causa deste encontro, Jesus conviveu alguns dias com os samaritanos. Era possível romper preconceitos e inimizades antigas.

Este Jesus que conviveu entre samaritanos e samaritanas, ba-

tizava pessoas, anunciando uma sociedade de bem-viver, sem fronteiras e sem desigualdades. Os batismos eram realizados nos rios e nos mares da Palestina. O batismo não era apenas um ritual, mas representava a possibilidade de tornar os invisíveis daquele tempo em sujeitos com história e protagonismo. O batismo era assumir o compromisso com uma vida boa e justa para todos os seres vivos. As mulheres não eram excluídas do batismo, pois não poderia existir justiça se mulheres continuassem sendo excluídas.



Coube às mulheres, ao longo dos milênios, em diferentes povos e culturas, serem as guardiãs das águas. Sempre foram as mulheres as que zelaram pelas águas para que suas comunidades, seus tapiris, seus terreiros sobrevivessem às adversidades.

As águas que jorram nos desertos, ocultam-se em aquíferos, brotam entre pedras, correm fortes como correntezas, quebram como ondas no mar, seguem tran-

quilas e serenas em lagos e lagoas foram, ao longo dos milênios, territórios de lealdades, conspirações e alianças entre mulheres. Estas águas diversas e com histórias onde se encontram mares e rios de múltiplas forças, cores e sabores são as guardiãs das histórias de mulheres que desobedeceram, sobreviveram e ousaram mostrar que não há razão para racismo e preconceitos.

Sejamos, nós mulheres — que por milênios fomos protegidas pelas águas que guardaram nossos segredos e conspiraram com nossas ancestrais contra todas as formas de opressão — as que guardarão as águas nestes tempos em que suas existências estão em risco por causa da ganância do patriarcado que se alimenta das diferentes formas de vida no planeta.

Cuidar das águas sempre significou cuidar da vida. É das águas que dependem as existências de todos os seres vivos. Sem água não há planeta. A água é o sangue da Terra.

Água - o Sangue da Terra

Composição de Luiz Vicentini

Cifra: Principal (violão e guitarra)

Tom: C

Em C D G C D

Água - o sangue da terra. A água é o sangue da terra.

Em C D G C D

Toda água é o sangue da terra. A água é o sangue da terra.

Am C

Água pra matar a sede, água pra gerar a vida,

G

Água em abundância pra regar as flores.

Am C

Água pra salvar o verde, água pra curar ferida,

G

Água em harmonia com todas as cores.

Am

Água pra mover moinhos,

F G

Água para amenizar as dores.

Am

Água pra novos caminhos,

F G

Água para um futuro sem temores.

Em C D G C D

Água - o sangue da terra. A água é o sangue da terra.

Em C D G C D

Toda água é o sangue da terra. A água é o sangue da terra.

F

Oceano sem fronteira,

C

Olho d'agua vem descendo a serra (pra seguir sempre adiante).

F

Rio, riacho, cachoeira,

C

É sangue que corre nas veias da terra (essa terra fascinante).

Dm **G** **C**

Água pura, cristalina, que toda forma de vida bebe.

Dm **G** **C**

Um milagre, com certeza, que só a mãe natureza consegue.

F

Se cada um de nós ouvir a voz do coração,

C

Sempre haverá, cada vez mais, novos horizontes.

Dm **G**

O futuro do planeta e de toda geração,

F **G** **C**

Está nas mãos de todos nós: Gigantes.

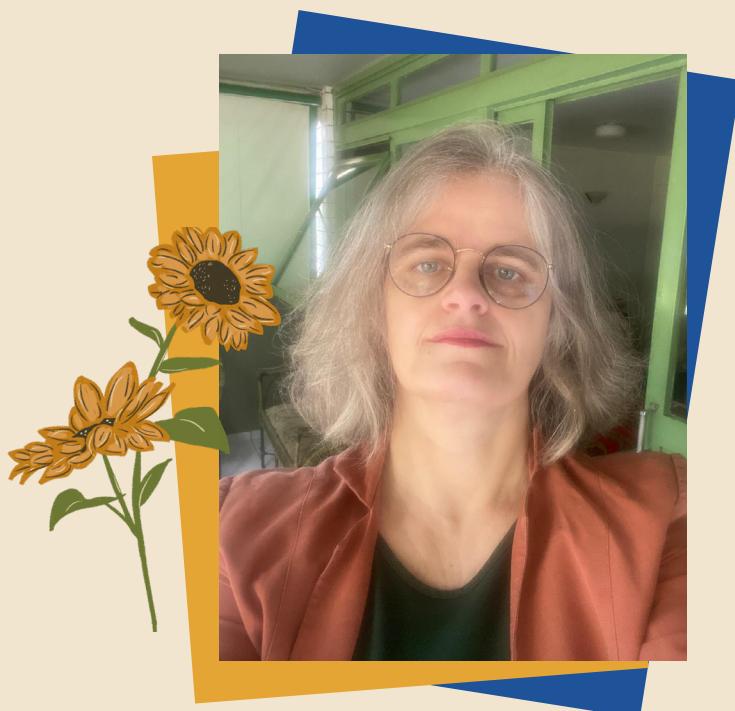
F G **F** **C** **Dm** **G** **F**

Água...Água...Água...O sangue da terra.

Fm **C**

O sangue da terra.





PASTORA ROMI MÁRCIA BENCKE

Ex-secretária Geral do CONIC (Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil), mestre em Ciência da Religião (UFJF) e doutoranda em Ciência Política/ IPOL/UnB.

Buscando a Sabedoria entre as Árvores: Débora, a Mulher Ardente



Teóloga Angelica Tostes

Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização
e Educação Popular | CESEEP

Em um tempo em que não havia reis em Israel, quem conduzia o povo eram os juízes. Eram pessoas levantadas em meio às crises, para discernir a vontade de Deus e orientar a vida coletiva, mas, entre estes nomes, havia uma mulher, Débora. Ela surge em um período de forte opressão, quando os cananeus, liderados por Sísera e seus carros de ferro, dominavam Israel. E então, Débora convoca Baraque para a batalha.

Os capítulos 4 e 5 de Juízes trazem a breve — e marcante — participação de Débora como a única juíza mulher e a única juíza também chamada de profetisa. Esses papéis eram tradicionalmente masculinos, e parece que nada mudou muito nos tempos atuais. Bem, quando somos apresentadas a Débora, vemos a seguinte descrição bíblica: “E Débora, mulher profetisa, mulher de Lapidote, julgava a Israel naquele tempo” (Jz 4:4). Logo, podemos pensar que seu papel era de esposa, porém, no hebraico, a frase “mulher de Lapidote”, pode ser traduzida como a “mulher de tochas”, ou a “mulher ardente”. Será que Débora

era uma mulher casada com Lapidote ou uma mulher impetuosa?

Essa¹ líder, militar, juíza, profetisa era consultada para as decisões mais importantes daquele período, e o texto nos mostra um lugar específico que ela ficava aguardando as pessoas irem: “Ela assentava-se debaixo das palmeiras de Débora, entre Ramá e Betel, nas montanhas de Efraim; e os filhos de Israel subiam a ela a juízo” (Jz 4:5). As palmeiras de Débora podem fazer alusão à ama de Rebeca, relatada em Gn 35:8, que poderia ter sido quem auxiliou Rebeca a alimentar seu

filho Jacó, embora outra árvore é mencionada — carvalho — a localização também consta em Betel.

Em muitas tradições, as árvores fazem a ponte entre o mundo espiritual e o mundo material. Na cultura yorubá, por exemplo, os baobás cumprem esse papel de ligação sagrada entre os dois mundos. Entre os povos originários no Brasil, muitas árvores são vistas como morada dos espíritos da floresta, lugar de reza e de cuidado, como a samaúma, conhecida como a “rainha da floresta”. Também em terreiros de candomblé e umbanda, as árvores sagradas guardam axé e são espaço de oferenda e conexão com os orixás. Em outros povos, era comum realizar cerimônias e rituais aos pés das árvores, desde casamentos e ritos para pedir chuva até encontros comunitários e festas populares.



1 Estudos baseados em HENDRIX, Tanya. *Deborah of the Bible: Judge, Prophetess, Fiery Woman*. Tanya Hendrix Blog, 2020. Disponível em: <https://www.tanyahendrix.com/blog/deborah-of-the-bible-judge-prophetess-fiery-woman>. Acesso em: 29 ago. 2025. / SANTANA, Denise. Débora, profetisa e juíza em Israel. *Coisas do Gênero*, São Leopoldo, v. 8, n. 1, p. 57-71, jan./jun. 2022. / SPRONK, Klaas. *Deborah, a Prophetess: the Meaning and Background of Judges 4:4-5*. In: DE MOOR, J. C. (ed.). *The Elusive Prophet*. Leiden: Brill, 2001. (Oudtestamentische Studien, v. 45), p. 232-242.

Podemos imaginar nossa juíza, profetisa e militar - a mulher ardente, Débora, sentada debaixo

da palmeira que carrega o nome de outra ancestral. Ali, ela bebia das vozes de um conhecimento antigo e sábio para aconselhar, profetizar e assumir o compromisso de ir junto à guerra. Baraque, o guerreiro convocado cujo nome significa relâmpago, não queria ir sozinho: “Se fores comigo, irei; porém, se não fores comigo, não irei” (Jz 4:8). Débora aceita acompanhá-lo, mas já anuncia que a glória da vitória não seria dele, e sim de uma mulher. No capítulo 5 de Juízes, vemos que Jael matou Sísera com golpes na cabeça, e Débora a exalta em seu cântico: “Bendita seja entre as mulheres, Jael, mulher de Héber, o queneu; bendita seja entre as mulheres nas tendas” (Jz 5:24).

Débora nos convoca a viver em unidade com a terra e com nossa ancestralidade, e também aponta caminhos para o fortalecimento de outras mulheres, como Jael. Hoje enfrentamos tantas batalhas em nossos meios, no nível pessoal e social, e por isso somos chamadas a encarnar o discernimento e a coragem dessa mulher

ardente — para incendiar os corações na luta contra a destruição das árvores sagradas. Árvores que guardam a vida de animais e pássaros, que abrigam comunidades originárias, povos de terreiro e tantas tradições, e que sustentam populações humanas e não humanas que delas dependem para se proteger, se alimentar e mergulhar no divino.

Débora, Jael, e tantas outras mulheres de fé que atravessam as páginas da Bíblia, nos mostram que a espiritualidade não está distante da vida concreta, mas se encarna no discernimento, na coragem e na defesa do povo em tempos de opressão. Elas nos ensinam que fé é também levantar-se diante das guerras do nosso tempo, carregar tochas de esperança, fincar raízes de justiça e fazer da vida um canto de resistência.

Assim como Débora escutava sob a palmeira a voz de um conhecimento antigo e Jael transformou sua tenda em espaço de vitória, hoje as mulheres de fé po-

dem nos inspirar a transformar nossas casas, comunidades e territórios em lugares de cuidado com a criação. Débora nos lembra que as mulheres de fé sempre souberam unir coragem e cuidado, discernimento e ação concreta. Hoje, ao nos inspirarmos nela, somos chamadas a ser guardiãs da Casa Comum: mulheres ardentes que profetizam contra a destruição, defendem a vida em todas as suas formas e semeiam esperança para as gerações futuras.

Para entrarmos nessa comunhão com as santas árvores que nos habitam, com a Criação Divina e a potência do cuidado materno de Deus, uma canção de Edson Gomes, Árvore:

E ando sobre a terra

E vivo sob o Sol

E as, e as minhas raízes

Eu balanço

Eu balanço

Eu balanço

Me regar mãe

Vem me regar

Vem me regar mãe, êa

Vem me regar

Todo santo dia

Pois todo dia é santo

E eu sou uma árvore bonita

Que precisa ter os teus cuidados

Me regar mãe

Vem me regar

Vem me regar mãe, êa

Vem me regar

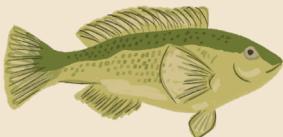




ANGELICA TOSTES

Teóloga feminista, mestra em Ciências da Religião. É coordenadora de cursos no Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular. Militante do movimento ecumônico global e educadora popular.

Espiritualidade nos sustenta e a fé nos move



Reverenda Lucia Dal Pont
Igreja Episcopal Anglicana do Brasil | IEAB

A Espiritualidade sustenta na construção de novos caminhos na vida de quem tem fé. Quero aqui refletir sobre a Fé que nos move no caminho de transformação da vida, principalmente das mulheres. Lendo, relendo, vivendo, convivendo, experimentando e conversando com mulheres que fizeram experiências de Fé como sustento das transformações em suas vidas, descobri muita dor, sofrimento e luta... Quantos ressentimentos encontramos nas histórias de vida das mulheres, do passado e, ainda, no hoje. Diante desta constatação, tentarei iluminar a reflexão aprofundando o texto bíblico do encontro da hemorroísa com Jesus (Mc 5, 24b-34), onde uma mulher toma coragem, rompe barreiras de preconceitos e discriminações, desafiando os poderes da Lei da “pureza” e, acreditando em sua capacidade, vai ao encontro de Jesus.

Na Bíblia temos muitos exemplos de mulheres que, movidas pela Fé, nos dão coragem e nos animam a lutar por direito e justiça. Cito algumas, como Sefra e Fua, as parteiras do Egito (Ex 1.15;18-20); Jocabd, Mãe de Moisés (Ex 2:1-6), Raab, mulher que ajudou na libertação do povo (Js 2:1-21), Maria de Nazaré, mãe de Jesus, que assume o projeto de Deus e corre todos os riscos desta decisão (Lc 1:26-38); Maria de Magdala, Apóstola de Jesus (Jo 20.18), e tantas outras mu-

Iheres bíblicas sem nome, como a hemorroíssa (Mc 5, 24b-34).

A hemorroíssa faz seu caminho, rompe em meio à multidão para encontrar a cura. Esta mulher, que vivia há doze anos com um o fluxo contínuo, hemorragia, estava em busca de cura para seu sofrimento. Nada trazia a cura. Quando ela conhece Jesus, inicia um movimento para uma aproximação, irrompe em meio à multidão e faz a tentativa: - “se ao menos tocar as roupas de Jesus, serei salva”. Naquele momento, houve uma troca de energia, a mulher percebe que foi curada, Jesus percebe que d’Ele saiu uma força. Este toque fez com que algo diferente acontecesse, no sistema físico dos dois. A mulher sentiu que o corpo estava curado de seu mal. Jesus sentiu que uma força havia saído Dele. Jesus reagiu: “Quem me tocou?”. Jesus e seus discípulos se desencontram. Jesus, homem sensível, uma sensibilidade que não era percebida pelos seus discípulos: “vês a multidão que te comprime e perguntas quem te tocou?” Mas Jesus percebe além

do que eles enxergam, e vai em busca de quem lhe tocara.

A mulher percebeu que tinha sido descoberta. Medo e pavor passaram por sua mente, ela estava lá em meio à multidão anônima, desesperada, aterrorizada pela pergunta de Jesus: “quem tocou minhas roupas?”. A mulher percebe que seu segredo vai ser descoberto. Como que de um ímpeto, tendo noção do que havia acontecido em seu corpo, mesmo tremendo de medo do que poderia acontecer, assume suas ações diante da multidão, de Jesus, e das leis do código da “pureza” que estabelecia fronteiras, em especial, a mulher que tivesse fluxo de sangue estaria “impura”, e tudo o que ela tocasse também ficava impuro. Levítico 15: 19 -30 conta sua história. Uma caminhada de doze anos em busca de cura para seu problema de hemorragia sem solução alguma.

Conforme a crença da época, a pessoa impura que caminhasse em meio à multidão contaminava todos a quem ela tocasse, e

fazia todos ficarem impuros diante de Deus (Lv 15:19-30). Ela poderia ser condenada e apedrejada. Mas a mulher sem nome desafia seus medos e, diante de Jesus e da multidão, assume seus atos: “caiu aos pés de Jesus e contou toda verdade”. E Jesus diz: “minha filha, tua fé te salvou”. Jesus acolhe a mulher na família, comunidade, quando a chama de minha filha, e lhe devolve saúde, dignidade e vida.



Jesus reconhece na atitude da mulher uma fé verdadeira e leva a hemorroíssa a uma fé assumida. “Ao procurar tocar o manto de Jesus, a hemorroíssa buscava uma cura mágica, mas nela estava escondido um começo da fé sincera”, diz Carlos Mestres. Jesus acolhe aquela mulher com as palavras que usava em suas curas: “a tua fé te salvou” (Mc 10:51; 7:50). A mulher, a partir daquele momento, se transformou em uma nova mulher e Jesus acrescenta: “vai em paz, e estejas curada de teus males” (v 34). O plano da mulher já não

não precisava ficar em segredo, diz toda verdade, e recupera sua identidade de pertença ao povo, ela lutava contra toda sociedade da época. Eram muitas as forças contrárias: por ser mulher, por estar com hemorragia, os médicos não conseguiam curar seu problema. A multidão que lhe impedia de chegar perto de Jesus. Os discípulos de Jesus estavam contra. Ninguém por ela. Sozinha, com seu desejo profundo de cura. A seu favor tinha somente sua fé, uma fé imperfeita, procurando saída mágica para sua dor, mas o que Jesus vai fazer desabrochar nela é uma fé verdadeira, incluindo a mulher na família das filhas e filhos de Deus.

O exemplo de fé da hemorroíssa nos ajuda a irromper em meio à multidão, tocar em Jesus e, a partir deste toque, sentir a energia que Dele vem, Espiritualidade, e dar os passos seguintes. Fazer parte da família, comunidade, grupo, dos que buscam, através de uma fé comprometida, da qual Jesus leva a hemorroíssa a perceber, e assumir compromissos de trans-

formação de realidades injustas. Aquela mulher era discriminada por estar doente, estava com hemorragia. Este problema de saúde a deixava impura, a religião a discriminava, Jesus diz: "não... discriminam", o problema não está nela, o problema está em vocês que a discriminam. Jesus a faz perceber que a Fé é muito mais do que tocar Nele, mas a partir do toque, se comprometer com Ele, assumindo as lutas que Ele assumiu, lutar por transformações das estruturas injustas. Juntar-se em comunidade para mudar a vida de outras pessoas. Hoje podemos dizer, preocupar-se com a mudança de todos os seres da Criação Divina. Envolver-se em ações de cuidado da Casa Comum! Entrar nos movimentos por dignidade e direito de viver bem, ou do Bem Viver. A Fé da hemorroíssa, depois do encontro com Jesus, nos motiva a sairmos do anonimato, enfrentar nossos medos, cuidar de quem precisa de cuidado, a começar por nós mesmas. Necessitamos curar nossas dolorosas fadigas geradas pelo sistema que continua patriarcal, que nos joga

umas contra as outras, movimentos sutis que em muitas vezes nem nos damos conta, nos ferindo, estamos com nosso feminino ferido. Não estou falando de gênero, mas de nossa formação humana, daquilo que somos formadas, feminino e masculino. Estamos esquecendo do olhar feminista, nos falta sensibilidade, amorosidade, leveza...

A Fé que motivou a hemorroíssa a criar várias estratégias para romper em meio à multidão, tocar em Jesus para curar seu corpo, mesmo correndo riscos, nos motiva também a criarmos estratégias para ajudar na cura da Casa Comum. Muitos seres da Criação Divina estão doentes, necessitando ser tocados com o toque da Fé comprometida, Fé que cura, que transforma, que anima, que gera vida! A terra, a água, as florestas, os animais, os seres humanos: pessoas originárias, as ribeirinhas, as pescadoras, as meeiras, as juventudes, as negras. As mulheres vítimas do machismo, sexism... São tantas hemorragias causadas pelo sistema do capital, que pensa

no lucro e faz de nossa casa comum moeda de troca e venda pensando no lucro. Precisamos nos imbuir desta Fé, espiritualidade que não nos permite ficar paradas e nos colocarmos em movimento, assim com a hemorroíssa, não aceitando a motivação de grupos ou instituições religiosas que motivam o uso de armas, destruição da natureza, exploração de pessoas e animais para gerar lucros desmedidos. Nossa motivação deve ser gerada pela Fé da hemorroíssa que garanta a vida para todos os seres da Criação, dignidade, justiça e equidade nos bens comuns.

Música Laços

Ana Vilela, Nando Reis

Quem cuida com carinho de outra pessoa/ Se importa com alguém que nem conheceria
Quem abre o coração e ama de verdade/ Se doa simplesmente por humanidade
Se coloca no lugar do outro, sente empatia
Você que vai à luta e segue sempre em frente/ Enfrenta os desafios que o destino traz/
A vida é preciosa, todo mundo sente/ Afeto e compaixão, a gente sempre entende
Máximo respeito a você que faz
Laços de ternura e aliança/ Não de ser a diferença,
O impossível pode acontecer/ Só o amor é capaz de dar a vida
E encontrar uma saída/ Pra esperança vir de novo a cada novo amanhecer
Só o amor é capaz de dar a vida/ E encontrar uma saída
Pra esperança vir de novo a cada novo amanhecer,
Amanhecer, Amanhecer, Amanhecer/ E vir de novo a cada novo amanhecer

Referência - MESTERS, Carlos; LOPES, Mercedes. Caminhando com Jesus—CEBI, 2015.



LUCIA DAL PONT

Reverenda, Presbítera da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, (IEAB). Graduação em Teologia. Pós-graduação em Bíblia. Mestra em Teologia com ênfase em Ensino e Estudo da Bíblia, Tradições e Escrituras Sagradas. Especialização em Pastoral Popular e Leitura Popular da Bíblia, (LPB). Reitora da Paróquia Santíssima Trindade RJ. Coordenadora do Centro de Estudos Anglicanos (IEAB). CEBI, (Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos).

Mulheres cuidadoras da criação, inspiração que nos fortalece

"Nós, mulheres indígenas, somos raiz deste chão. Somos fortes para parir, cuidar e dar educação. O homem é só semente que fecunda e nasce gente.

E mulher, terra pra criação."

"Nós, mulheres indígenas" Auritha Tabajara



Presbítera Edineia Oliveira
Igreja Presbiteriana Unida do Brasil | IPU

A fé cristã nos ensina que a terra e tudo que nela existe é criação divina. Deus, por pura graça, criou a casa comum para abrigar o ser humano. Em Gênesis, encontramos a narrativa cristã da Criação: “No princípio criou Deus os céus e a terra... E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou” (Gên. 1:1, 27). Para nós, cristãos, homem e mulher foram criados com uma missão: “domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo o réptil que se move sobre a terra” (Gên. 1:26). Assim, Deus determina que o cuidado com a criação seja de responsabilidade do homem e da mulher. E o que fizeram os seres humanos?

Vivenciamos hoje, na segunda década do século XXI, mudanças

climáticas da Terra com aumento da temperatura média global, eventos climáticos extremos e alterações nos padrões de chuva e temperatura, em função da atividade humana². Crise resultante dos impactos negativos no meio ambiente, provocados por processos predatórios de exploração do solo, desmatamento, consumo exacerbado, poluição de nascentes, de rios e de lençóis freáticos, dentre muitos outros, que exige da sociedade mudanças na relação com o meio ambiente, reclamando de nós outro rumo.

Estudo científico realizado em 2021 (Lynas et al 2021), revela que 99% das literaturas científicas, revisadas por pares, concordam que as mudanças climáticas foram induzidas pela ação humana. A terra se tornou um imenso depósito de lixo, milhares de espécies de animais desapareceram, após séculos e séculos de poluição. As consequências do desequilíbrio ambiental provocado pela ação humana incide, em maior peso, nas regiões mais pobres, sobre a população empobrecida, em especial sobre as mulheres. Essa população é a mais afetada pela insegurança alimentar e hídrica; pela falta de acesso a saneamento básico e água potável; por habitações em áreas de risco; sendo mais impactada pelas secas e tempestades. São as mulheres empobrecidas que mais vivenciam essa realidade e assumem a sobrecarga do cuidado exacerbado pelos eventos climáticos extremos, portanto, são também elas as mais credenciadas para despertar pessoas para o sentimento de cuidado, de acolhimento e de defesa da vida em comunidade em nossa Casa Comum.

Mulheres que abraçam o cuidado da Criação:

Chama-nos à inspiração as mulheres parteiras do Egito que

2 Mark Lynas et al 2021. Environ. Res. Vamos. 16 114005 DOI 10.1088/1748-9326/ac2966.

abraçam o cuidado da criação. O Livro do Êxodo conta a história de opressão e de libertação do povo israelita da condição de escravos no Egito. Para garantir a libertação do povo, Deus chama pessoas e é muito expressivo que as primeiras pessoas citadas no livro de Êxodo, que fala do projeto de libertação, sejam Sifrá e Puá, duas parteiras da classe social mais empobrecida daquela sociedade (Êxodo 1:15-22). Essas duas mulheres, com fé e coragem, desacatam a ordem dada pelo rei do Egito, viabilizando o projeto de libertação para o povo de Israel e, em Cristo, o projeto de Salvação para toda a humanidade. A rebeldia e ousadia de Sifrá e Puá, bem como a fidelidade a Deus, inspiram outras parteiras a fazer o mesmo. O rei do Egito, talvez o governante mais poderoso da época, disse às parteiras das mulheres hebreias: "Quando vocês ajudarem as hebreias a dar à luz, verifiquem se é menino. Se for, matem-no; se for menina, deixem-na viver" (Êxodo 1:16). A missão do cuidado e de proteção à vida assumida por Sifrá e Puá não lhes permite acatar a ordem

do rei e, de modo simples e sem alarde, elas se comprometem com o projeto de salvação. Moisés, que lidera o povo de Israel, foi um dos meninos que sobreviveu, pela força dessa resistência. As parteiras resistem para garantir a vida dos bebês e livrar as mães do sofrimento da perda de seus filhos.



Questionadas pelo rei do Egito porque permitiram que os meninos vivessem, quando a ordem foi matá-los ao nascerem, com sabedoria respondem: "As mulheres hebreias não são como as egípcias. São cheias de vigor e dão à luz antes que as parteiras cheguem" (Ex 1,19). Mulheres cheias de vigor que dão a vida, a mesma vida proporcionada pela mãe terra. Essa afirmativa correlaciona o corpo da mulher como natureza. O vigor, que significa força, energia, vitalidade e robustez, força natural da mulher, é como a parte sólida da vida da natureza. É terra fértil, é raiz na terra. A mulher fértil é terra fértil. Assim, o primeiro capítulo do livro que

retrata a libertação de um povo apresenta a força e a resistência de mulheres que se comprometeram com a missão de cuidar da vida, confiada por Deus na criação.

Como as parteiras do Egito, muitas são as mulheres que abraçam o cuidado da Criação, atentando-se para a missão confiada à humanidade, cuidar de todos os seres, cuidar da Casa Comum. Mulheres cuidadoras da Criação são todas aquelas que desempenham um papel de cuidado e preservação do mundo, tanto no âmbito de seus lares, experienciando e ensinando a arte do amar e do cuidar, quanto socialmente, contribuindo para uma comunidade saudável, com respeito à terra-mãe. Mulheres cuidadoras da Criação são todas aquelas que se empenham a mobilizar pessoas para ações coletivas em prol de sua comunidade, de um mundo mais humano e consciente de que devemos cuidar uns dos outros.

Cabe aqui um alerta: nosso planeta, perigosamente degrada-

do e ameaçado, é a expressão de relações humanas degradadas. É sinal de que a humanidade se desumanizou, perdeu suas características humanas, tornando-se cruel, insensível, desprovido de valores morais e éticos. É sinal de que algo muito errado aconteceu no modo como nós humanos, nos relacionamos uns com os outros. Por isso, é importante afirmar a necessidade de resgatar a valorização do “ser humano” que, munido de capacidade teleológica, com possibilidade de uma ação criadora, pode se comprometer com a preservação da natureza. Assumir o compromisso com as questões socioambientais é imprescindível para o resgate da humanização, da fidelidade à missão confiada por Deus, do fortalecimento de nossa espiritualidade e da vida comunitária ou eclesial.

Por fim, deixo para os leitores a reflexão proporcionada pelo poema inicial da mulher indígena Auritha Tabajara, “Nós, mulheres indígenas”, que oferece um tributo ao ser mulher, ressaltando o poder da natureza que emana nesse

ser. A autora não fala de uma mulher, mas da coletividade. Todas as mulheres cabem nesse poema, que dá voz às mulheres.



EDINEIA FIGUEIRA DOS ANJOS OLIVEIRA

Presbítera da Igreja Presbiteriana Unida (IPU) de Campo Grande, assessora de mulheres da IPU Nacional e membro do Conselho Coordenador do Presbitério de Vitória.

Mulheres! O Cuidado com a Casa Comum: Fé, Coragem e Responsabilidade Ambiental

"Em um terreno antes sem função, hoje brotam alimentos saudáveis, cultivados de forma agroecológica e coletiva."



Gilvaneide José dos Santos
Aliança de Batistas do Brasil | ABB

Inicio este texto com essa frase que li em um post no Instagram da Horta Comunitária da Igreja Batista do Pinheiro. Um coletivo composto por pessoas adultas, jovens, adolescentes e crianças — em sua maioria, mulheres membros desta comunidade de fé. Mulheres comprometidas com a fé, a justiça social e o cuidado com o meio ambiente. Movidas por uma espiritualidade que se traduz em ação concreta, resistência e amor. Este grupo luta com uma fé que gera vida, denuncia o que mata e anuncia o que liberta.

São guardiãs da casa comum, expressão que simboliza não apenas a casa física que nos abriga, mas também a comunidade, a natureza, o planeta — toda a criação de Deus. Comprometidas com a justiça e a dignidade humana, com o cuidado do outro/da outra e com a preservação da criação. Mulheres de fé têm assumido, ao longo da história, o papel de guardiãs da vida, da espiritualidade e da justiça.

Em 2 Samuel 21:1-14, lemos que Rispa protagoniza um ato de amor e luto ao proteger os corpos dos filhos, permanecendo ao lado deles para impedir que fossem devorados por aves e animais selvagens. No ato de Rispa, também vemos resistência, resiliência e luta por justiça. Por três meses, essa mulher guardou os corpos dos filhos até que tivessem um enterro digno. Rispa protagoniza um ato de esperança — do verbo esperançar —, pois agiu com fé até alcançar seu intuito. Foi uma fé não passiva, mas uma fé que age e transforma.

A horta comunitária da Igreja Batista do Pinheiro está localizada em um território acometido pelo maior crime ambiental em área urbana do mundo, que desterritorializou 60 mil pessoas, esvaziando cinco bairros. Esse coletivo tem resistido com uma voz profética de fé, amor e justiça. Tem feito brotar, das ruínas, alimento para a vida.

Diante da dor e do luto pelas perdas diversas, mulheres têm se mantido firmes — por vezes,

com desobediência. Uma desobediência que subverte o que está estabelecido, uma subversão que derruba uma ordem de morte para preservar a vida.

Em Éxodo 1:15-22, Sifrá e Puá desafiam o poder, subvertem, desobedecem — com uma coragem que vence a morte e preserva a vida. A vida de um povo que, naquele momento, era escravizado, mas que se fortalece, multiplica e um dia rumá em busca de liberdade.

Em tempos de crise social e ecológica, precisamos continuar nos inspirando para viver com responsabilidade, compaixão e esperança. Desafios imensos — como violência, exclusão, invisibilidade, discriminação, preconceito e silenciamento — são enfrentados por mulheres o tempo todo.

Em 1955, na cidade de Montgomery, no Alabama (EUA), teve início o maior movimento por direitos civis da história moderna. Rosa Parks, mulher negra, volta a do trabalho depois de um dia

exaustivo. Sentada no ônibus, recusou-se a ceder seu lugar para um homem branco — prática comum imposta pela lei segregacionista da época. Rosa foi presa. Por ser respeitada na comunidade, mulheres negras do Conselho Político da Comunidade decidiram organizar um boicote ao transporte público. Ali nasceu o movimento que, posteriormente liderado pelo pastor batista Martin Luther King Jr., levou à aprovação de leis que proibiam a discriminação racial e garantiam o direito de voto para todas as pessoas, independentemente da raça. Um movimento que ecoa e inspira lutas por justiça até os dias de hoje.



Em Números 12 encontramos duas mulheres (a esposa cuxita de Moisés e Miriam, sua irmã) sofrendo e razão de um sistema patriarcal e racista que é destrutivo para a vida das mulheres e da criação. O sistema que tem dominado e condenado o corpo das mulheres é o mesmo que tem destruído o corpo da terra. O

cuidado com a casa comum passa pela superação do racismo, da discriminação e da exclusão.

Em 1 Reis 10:1-13 e 2 Crônicas 9:1-12, a Rainha de Sabá, provavelmente originária da Etiópia ou do sul da Arábia, é símbolo de sabedoria e diplomacia. Sua visita a Salomão é um relato de inteligência, poder e busca por conhecimento. É necessário, hoje, um conhecimento socioeconômico e biopsicossocial — uma visão ampla da realidade humana diante da prática do cuidado com a casa comum.

No Cântico dos Cânticos 1:5, encontramos uma mulher afirmando sua beleza, desafiando o olhar das filhas de Jerusalém, que poderiam menosprezá-la por sua cor. O cuidado com a casa comum também é cuidado com os corpos marcados pelo preconceito, resgatando sua dignidade e conexão com a terra.

Vivemos um tempo de urgência ecológica. As mudanças climáticas, a degradação ambiental

tal, a perda da biodiversidade e a injustiça socioambiental colocam em risco a vida. Precisamos de lideranças que unam fé, ação, espiritualidade e compromisso público. A fé cristã, no cuidado da casa comum, precisa ser antirracista, inclusiva e comprometida com a justiça ecológica.

Cuidar da casa comum é um chamado para todos. As mulheres têm tido papel essencial, pois historicamente têm assumido funções de cuidado, proteção e educação.

Em Juízes 4–5, encontramos Débora, que conduziu uma ação coletiva por liberdade e justiça. Em Lucas 1:38, Maria, mãe de Jesus, nos ensina a contemplar a vida, acolher o mistério e cuidar com ternura. Esse olhar contemplativo é essencial para desenvolver uma espiritualidade ecológica, vendo a criação como dom, não como recurso a ser explorado.

Lembro-me de Sandra Helena, pastora de uma congregação batista na cidade de Jacaré, no

sertão de Alagoas. Ela me ensinou a agradecer pelas pequenas e simples coisas — ou nem tão pequenas assim — ao contemplar e orar com gratidão pela beleza da vegetação e pelas ondas do mar.

Concluímos com uma oração inspirada nas mulheres, nossas ancestrais guardiãs da Casa Comum. No testemunho de Rispa que, com uma fé que age e transforma leis e decretos, enfrentou e resistiu a morte e a injustiça, cuidemos da nossa casa comum. Sifrá e Puá que, como guardiãs da vida, com valentia desobedeceram e subverteram as ordens de morte do Faraó, preservando a vida das crianças, cuidemos da casa comum. Rosa Parks, mulher negra que, com sua força e coragem, se negou levantar e ceder seu lugar dizendo “não” e subvertendo a lei segregacionista, cuidemos da casa comum. Rainha de Sabá que, com o conhecimento e sabedoria do seu povo, compartilha novas formas de viver e cuidar da terra, cuidemos da casa-comum. Débora que, com coragem profética, organizou e conduziu o povo em

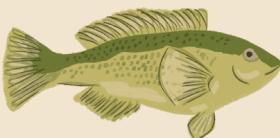
sua luta por seu território e justiça, cuidemos da nossa casa-comum. Sulamita, mulher negra e bela que rompeu as correntes da opressão, lutando por amor e liberdade para o corpo das mulheres e da terra, cuidemos da casa comum. Maria de Nazaré que, com o olhar atento e acolhedor, compôs um cântico que depõe os poderosos e seus tronos, cuidemos da casa comum. Na força e no sopro da Ruah e no testemunho de nossas guardiãs ancestrais, oramos!



GILVANEIDE JOSÉ DOS SANTOS

Psicóloga, com especialização em clínica racializada, pós-graduação em Psicologia hospitalar e mestrande em Psicologia social. Membro da Pastoral da Negritude da Igreja Batista do Pinheiro e do Fórum Negritude da Aliança de Batistas do Brasil.

Rute: Mulher de fé, guardiã da casa, exemplo de cuidado



Pastora Ildemara Bomfim
Igreja Presbiteriana Independente do Brasil | IPIB

O nome dela é Rute; sua terra era Moabe, ela não tinha parte com o povo escolhido, era apenas uma viúva estrangeira em terra estranha; sua situação não era das melhores, porém, quando foi instada a voltar para sua família de origem não quis, preferiu arriscar a crer em um Deus que ela ainda não conhecia, preferiu cuidar da sogra que, aparentemente, a estava rejeitando. O nome dela? Rute! Que significa “amiga”, “companheira”. Durante todos esses anos de ministério, tenho me espelhado na história de Rute. Ela surge nas páginas da Bíblia como uma figura silenciosa e forte, cujos passos atravessam campos estrangeiros e corações endurecidos pela dor. Mulher de origem moabita, Rute imprime na sua trajetória a força da confiança, a delicadeza do acolhimento e o desejo profundo de cuidar. Ela foi apenas a nora fiel de Noemi; foi, acima de tudo, uma guardiã da esperança e dos laços com a família e com a terra, não a sua terra, mas a terra que ela escolheu para ser dela. Sua afirmação “Para onde fores, irei; onde ficares, ficarei”, expressa a sua convicção firme de continuar com sua sogra e de enfrentar o preconceito e uma nova maneira de viver, longe de sua terra e de sua parentela. Ela ensina mais que fidelidade: revela uma profunda fé em algo maior que si mesma, uma entrega ao horizonte incerto, sustentada apenas pela solidariedade e pelo amor. Sua história é

semeada no solo da casa comum, onde cada escolha individual se converte em cuidado coletivo. Rute não abandonou Noemi ao desamparo, mas cultivou, com ela, o futuro de um povo. Já em Belém, Rute não apenas se empenhou no cuidado de sua sogra já idosa, mas empreendeu uma história de dignidade e resgate, ao recolher as sobras dos campos de Boaz deixadas pelos ceifeiros, reconheceu o valor do reaproveitamento do que era descartado e revelou a justiça da partilha, ou seja, a terra pertence a todas as mãos que nela trabalham e que dela cuidam. Sua presença, humilde e ativa, no meio daqueles homens hostis e preconceituosos fez dela uma guardiã da casa comum — aquela que protege, cuida e colabora, reconhecendo que ninguém vive sozinho e que a solidariedade e a fé devem permear o coração daqueles que vivem na terra. A coragem de Rute floresce na força da fé em um Deus ainda desconhecido, na escuta atenta e na decisão de amar sem fronteiras. Essa mulher de fé inspira a responsabilidade de cuidar do outro e da

terra, lembrando que cada gesto de ternura e justiça se multiplica em milhares e milhares de gestos, formando uma rede que envolve e cuida do nosso lugar. Sua linhagem, Jesus, acolhida na história de Israel, é semente de esperança, mostrando que o cuidado da casa comum é fruto da coragem de quem pode dizer: “teu povo será o meu povo, o teu Deus será o meu Deus!”, e de quem ousa permanecer, semeando confiança e renovação onde tudo parece perdido. Assim, Rute permanece na história, como símbolo de força, coragem e esperança, e essa mulher de fé nos traz o exemplo claro de que quando cuidamos e resistimos, cultivamos vínculos, protegemos a vida e acreditamos que, mesmo nas noites mais escuradas, desponta sempre uma aurora de renovação e esperança.





ILDEMARA BOMFIM

Pastora da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil desde 2004, servindo na IPI da Lapa há 12 anos.



**HISTÓRIAS
DE VIDA**

A atuação de mulheres negras em rede pelo Bem Viver e no combate ao racismo ambiental

A crise climática atual, certamente, tem afetado todo o mundo, mas as formas e a intensidade dessa afetação são muito diferentes. Os territórios tradicionais, periféricos e rurais, quilombolas e negros são alvo do racismo ambiental que potencializa os impactos negativos da crise climática para essas populações. “A destruição ambiental, a especulação imobiliária, a falta de acesso à água, a insegurança alimentar, os impactos das mudanças climáticas e os grandes projetos de energias renováveis que têm desconsiderado os territórios tradicionais se somam às desigualdades raciais e de gênero, agravando as vulnerabilidades históricas das mulheres negras”, afirma a ativista Luciana Silveira.

Desde 2015, Luciana compõe o Grupo de Mulheres do Alto das Pombas (GRUMAP), que atua com foco em processos de formação, mobilização e articulação de mulheres negras. Recentemente, o GRUMAP passou a compor a Rede de Mulheres Negras do Nordeste, construindo um elo entre a ação local e regional no enfrentamento ao racismo e na luta por reparação e Bem Viver.

Luciana explica que as questões de justiça socioambiental atraíssam de forma direta e estruturante a luta da Rede, pois o racismo ambiental e climático afeta de forma desigual mulheres negras

nordestinas. “A Rede compreende que a luta contra o racismo e pela vida das mulheres negras é uma luta pela defesa e preservação dos territórios e das condições dignas de existência para as presentes e futuras gerações”, diz.

Para além do racismo ambiental, as mulheres organizadas na Rede têm entre os seus enfrentamentos diários o combate ao racismo em suas múltiplas expressões; a denúncia e resistência à violência racial que atinge de maneira desproporcional mulheres e juventudes negras; a luta por justiça social, racial e climática; e a defesa de uma educação antirracista e inclusiva. “Para enfrentar esses desafios, a Rede tem apostado no fortalecimento da ação coletiva. São estratégias que reafirmam a centralidade da organização e da ação conjunta para resistir, criar e propor caminhos para a reparação histórica, pelo Bem Viver”, explica Luciana.

A Rede de Mulheres Negras do Nordeste é uma articulação criada em 2013 que, atualmente, reúne cerca de 50 organizações do movimento de mulheres negras, com foco em articular, refletir e incidir a partir das especificidades de ser mulher negra no Nordeste. Luciana Silveira destaca que, nesses mais de dez anos de atuação, a maior conquista da Rede é o próprio processo de mobilização e fortalecimento da organização política das mulheres negras.

“A rede evidencia a diversidade presente no Nordeste e entre as mulheres negras que o compõem, e a pluralidade das lutas e reivindicações dos diferentes territórios”, acredita. Para ela, o crescimento da articulação e a ampliação da incidência política em toda a região revelam tais conquistas na construção de um movimento cada vez mais enraizado, consistente e reconhecido em pautas estratégicas para a vida das mulheres negras.

A parceria com a CESE é destacada por Luciana Silveira como fundamental para a Rede de Mulheres Negras do Nordeste. Ao longo dos anos, esse apoio tem se concretizado em diferentes dimensões, especialmente em ações formativas e de comunicação promovidas pela CESE e que beneficiam a Rede, ao fortalecer tanto a incidência política quanto a visibilidade de sua luta. “Reconhecemos a relevante contribuição da CESE para o fortalecimento da nossa articulação e para o avanço das pautas que defendemos”, afirma.

Texto de Gabriela Amorim | Brasil

FOTOS: Acervo da Rede de Mulheres Negras do Nordeste



"As comunidades sempre viveram de forma agroecológica"

O território quilombola de Graciosa, localizado entre os municípios de Taperoá e Valença, no Sul da Bahia, ficou conhecido na década de 2010 por ter feito a retomada de parte de sua área ocupada por não quilombolas. Foi a partir desse momento que Bárbara Ramos iniciou a sua militância em defesa do seu território, mas também dos povos quilombolas e comunidades pesqueiras por todo o país. Atualmente, ela compõe tanto a coordenação da Articulação Nacional das Pescadoras (ANP), quanto a Associação de Pescadores e Pescadoras Quilombolas de Graciosa.

Ela conta que a comunidade de Graciosa decidiu retomar a área irregularmente ocupada por empresas privadas ao constatar que a instalação de tanques de carcinicultura, além de restringir o acesso a locais tradicionalmente utilizados para pesca e lazer, também estava degradando uma grande área próxima ao mangue. Essa poluição diminuiu a quantidade e variedade de peixes e mariscos no território que tem na pesca e na coleta de marisco não só uma fonte de renda, mas também uma estruturação de seus modos de vida.

Este cenário, infelizmente, é comum a outras comunidades tradicionais e territórios pesqueiros ao longo da costa brasileira. Bárbara relata que em outras localidades atingidas por grandes empreendimentos que diminuíram ou impossibilitaram a pesca são crescentes os casos de adoecimento psíquico de pescadoras que não podem mais exercer seu ofício. “A gente está vendo o tamanho do estrago feito por

esse capitalismo. E eles chamam isso de desenvolvimento, inclusive”, acrescenta.

Para a coordenadora da ANP, é justamente dessa ideia de desenvolvimento que nasce a atual crise climática. “O que está destruído não é por conta do povo, não é por conta das comunidades tradicionais. Esse capitalismo desenfreado só pensa no lucro que vai ganhar e não se importa com o estrago que está ficando para trás”, pontua.

E, embora não sejam causadoras da crise climática instaurada, as comunidades tradicionais são desproporcionalmente atingidas por elas. As consequências incluem insegurança alimentar, diminuição da renda, adoecimento mental e até expulsão de integrantes da comunidade e mesmo deslocamento de comunidades inteiras. “O território, para a gente, significa tudo. Se a gente não tiver o território, a gente não inicia nada. A gente não pode estudar, a gente não pode viver a cultura, a tradição. Aquilo que nos alimenta deixa de existir, então a vida da gente também acaba sendo destruída”, explica Bárbara Ramos.

Por isso mesmo, ela defende que a regularização territorial de territórios tradicionais precisa avançar não só para benefício das comunidades, mas de todo o planeta, uma vez que os povos tradicionais são reconhecidamente responsáveis pela preservação de biomas por todo o Brasil. “As comunidades sempre viveram de forma agroecológica, protegendo e denunciando. E tudo isso em defesa do território, em defesa do meio ambiente. Por mais que muitos de nós não tenhamos formação acadêmica, mas temos total consciência de que só é possível viver com o meio ambiente saudável”, diz.

Apesar de tantos desafios ainda no horizonte, Bárbara Ramos elenca diversas conquistas que foram possibilitadas, nas últimas dé-

cadas, pela luta e resistência dessas comunidades. Dentre essas, está a própria retomada do território da Graciosa, que possibilita que a comunidade siga vivendo em estreita relação com o bioma. No âmbito nacional, Bárbara Ramos aponta importantes conquistas na área da saúde, como a vacinação prioritária durante a pandemia e a implantação da Política Nacional de Saúde Integral da População Quilombola. Além dos avanços sobre educação quilombola contextualizada e escolas quilombolas, políticas públicas de moradia que chegaram até algumas comunidades pelo país, dentre outras.

Todas essas conquistas, e outras mais, foram possíveis devido à atuação organizada de redes como a ANP. Por isso mesmo, Bárbara Ramos defende as parcerias entre instituições que fortaleçam o trabalho cotidiano destas. E aponta o exemplo da parceria entre a ANP e a CESE, que envolve tanto a destinação de recursos quanto a capacitação de integrantes da organização. “A CESE é uma das parceiras importantes da ANP, que compreende nossos debates. A CESE sempre nos ouviu”, conta.

Texto de Gabriela Amorim | Brasil

FOTOS: Acervo da Associação de Pescadores e Pescadoras Quilombolas de Graciosa





A luta por uma justiça climática antirracista e comprometida com os territórios

Em 2022, a cidade de Recife sofreu com grandes enchentes que impactaram a vida de milhares de pessoas. Muitos perderam as casas, os bens e mais de uma centena de pessoas perdeu a vida. Em algumas localidades da Vila Arraes, que fica às margens do Rio Capiberibe, a água subiu cinco metros e levou casas inteiras na enxurrada. Naquele momento, a organização comunitária foi importante para dar suporte às pessoas mais impactadas.

“Era um verdadeiro cenário de guerra”, afirma Joice Paixão, cientista social e ativista co-fundadora da Associação Gris, que esteve à frente dessa organização comunitária na Vila Arraes. Ela conta que, no ano seguinte, o Instituto Nacional de Meteorologia (INMET) emitiu um alerta de que o volume de chuvas poderia ser ainda maior que no ano anterior. Neste momento, a Associação percebeu que não daria conta de ajudar à comunidade com as ferramentas que dispunha até então.

Assim, a associação buscou a ajuda da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) para dar apoio técnico na criação de ferramentas de monitoramento, alerta e letramento climático para a comunidade, que levasssem em consideração o conhecimento acumulado dentro da própria comunidade. Essas ferramentas estão em uso desde 2023.

No ano seguinte, a Gris, junto com mais 56 associações de 15

estados brasileiros, criam a Rede de Adaptação Climática Antirracista. Uma das motivações para o surgimento da Rede foi a falta de representação dos movimentos negros e dos povos originários nas políticas nacionais de adaptação climática.

“Eu não tenho como falar sobre a adaptação climática, se eu não entender que essa adaptação climática precisa ser antirracista”, afirma Joice Paixão. Para ela, o maior enfrentamento ainda a ser feito pela sociedade brasileira é reconhecer-se como uma sociedade estruturada sobre o racismo e, a partir disso, conseguir enfrentar verdadeiramente desigualdades tão profundas.

Mulher negra e periférica, Joice conta que iniciou a militância aos 14 anos, participando de movimentos assistencialistas que levavam alimentos e algum conforto para pessoas que moravam em um aterro sanitário. Aos 18 anos, se aproxima dos movimentos negro, de mulheres e LGBTQIA+, ao mesmo tempo em que se torna a primeira pessoa de sua família com um diploma universitário.

Ela conta que a preocupação com os temas da justiça climática e racismo ambiental tomaram espaço em sua militância após as enchentes de 2022. “A gente já trabalhava a questão do meio ambiente com as crianças, inclusive porque a nossa sede é bem próxima do Rio Capibaribe. Mas eu trabalhava muito numa perspectiva lúdica”, conta. Após as enchentes, foi preciso mudar a rota e colocar a questão ambiental no centro das demandas da Vila Arraes, da Gris, até a criação da Rede de Adaptação Climática Antirracista.

Mesmo diante de tantos desafios, Joice Paixão aponta algumas conquistas importantes que merecem ser comemoradas. Dentre elas, a própria criação de ferramentas comunitárias de monitoramento, alerta e letramento climático. “A ideia é que a gente vá formando

pessoas com esse entendimento do próprio território, aliado a esses conhecimentos técnicos”, diz.

De maneira mais ampla, Joice aponta como uma conquista muito relevante a criação de um debate mais qualificado sobre as interseccionalidades entre gênero e raça. E conta como exemplo ter recebido das mãos do presidente da República o Prêmio Periferia Viva. “Simbolicamente, isso tem um peso muito grande: uma mulher negra, nordestina, vinda dessa base territorial. Eu acho que isso é uma conquista muito grande para mostrar que os territórios não precisam de assistencialismo, mas sim ter esse outro olhar de enfrentamento, de construção metodológica, de disputa de narrativa”, defende.

Ela acrescenta que a parceria da CESE tem um papel fundamental nesse processo de fortalecimento dos territórios e suas organizações. As parcerias listadas por Joice vão desde aportes financeiros que foram repassados para as comunidades como ajuda humanitária durante a pandemia até os seminários e formações que ajudaram e ajudam as organizações a acessar projetos e construir metodologias próprias para seus territórios.

Texto de Gabriela Amorim | Brasil

FOTOS: Acervo da Associação Gris e Prêmio Periferia Viva. Imagem de Thays Brayner





Construir autonomia financeira para fortalecer os povos indígenas

Os povos indígenas viveram por muitos séculos sob a tutela do Estado brasileiro, a partir de um paradigma que determinava a necessidade de “integrá-los” à sociedade. Obviamente, isso não aconteceu sem resistência e luta que levaram, inclusive, a uma mudança importante de paradigma na Constituição de 1988. Desde então, a legislação brasileira passa a se basear na necessidade de garantir o respeito e a proteção às culturas indígenas existentes no país.

Mesmo após conquista tão importante, a luta pela efetivação do direito à autonomia, ainda hoje, segue sendo pauta diária dos povos originários. “A gente vem lutando muito pela independência dos nossos territórios e pela nossa liberdade de trabalhar de acordo com os nossos modos de vida”, define Josimara Baré, indígena do povo Baré, da Terra Indígena Cue Cue Marabitana, no estado do Amazonas. Josimara faz parte de uma longa linhagem de lideranças do povo Baré e, por isso mesmo, desde muito cedo está na militância junto ao seu povo.

Essa luta por autonomia nos territórios, explica, envolve diversos aspectos da vida e da atuação das organizações indígenas. Um desses aspectos, por exemplo, é a busca de jovens indígenas por formação escolar e acadêmica fora de seus territórios. “Para que a gente consiga de fato ter essa independência efetiva, a gente precisa também ter conhecimentos técnicos”, acredita. A própria Josimara saiu de seu território ainda jovem para estudar Administração na Universidade do Estado do Amazonas. Finalizado o curso, passou a trabalhar com

organizações indígenas do terceiro setor, principalmente na gestão financeira.

Há cerca de um ano, Josimara Baré atua junto ao Conselho Indígena de Roraima (CIR), organização indígena mais antiga do Brasil, com 54 anos de existência. Desde então, tem colaborado na construção de um mecanismo financeiro voltado para povos indígenas, o Fundo Indígena Rûti. Em apenas um ano, o fundo comunitário conseguiu consolidar um financiamento que possibilitou uma primeira chamada robusta direcionada para as comunidades indígenas e também um grande número de inscrições de projetos.

"A gente quer ter um mecanismo criado por nós, pensado por nós, para nós, de maneira que seja muito estratégica também essa distribuição equitativa desses recursos. Esse dinheiro tem uma responsabilidade que precisa ser compartilhada, tanto para quem doa quanto para quem recebe", defende. Josimara Baré acrescenta como a parceria da CESE tem sido relevante nesse processo de criação dos fundos comunitários indígenas.

"A CESE sempre deixou a porta aberta para colaborar e contribuir com a criação desses mecanismos", afirma. Para além dessa parceria, Josimara destaca a CESE como uma organização ecumênica de referência, que tem respeitado os modos de vida indígena em seus financiamentos e projetos. "A CESE traz uma relação de confiança e chega a lugares que muitas vezes os grandes fundos não chegam", diz.

Para a administradora indígena, a atuação da CESE, de fundos comunitários e de outras iniciativas como essas, têm fomentado a atuação dos povos indígenas no cuidado com a Terra e na defesa de uma justiça socioambiental. Ela destaca que, ao fortalecer e potencializar projetos que já existem nas comunidades, tais financiamentos permi-

tem que os povos tenham mais autonomia de ação. “Para nós, justiça ambiental é também ter a liberdade de poder viver de acordo com os seus modos de vida e costumes de cada povo”, enfatiza.

Mais recentemente, Josimara também tem atuado na capacitação de mulheres indígenas para que consigam também propor seus próprios projetos e acessar recursos. Ela aponta um interesse crescente entre as mulheres em acessar tais fundos e fortalecer suas iniciativas. “As mulheres têm um papel fundamental na gestão do território. Elas são agricultoras, são artesãs, são mães...”, afirma.

A despeito dos grandes desafios ainda enfrentados pelo movimento indígena no Brasil, principalmente em relação à regularização territorial, há também avanços importantes a serem comemorados, como pondera Josimara Baré. Ela destaca, por exemplo, o papel de protagonismo ocupado pelos povos indígenas no combate à crise climática e na busca por justiça socioambiental.

“Os povos indígenas têm ocupado espaços que nunca ocuparam em décadas, em séculos. Tanto na sociedade civil, quanto no governo, nós temos ocupado esses espaços de protagonismo”, aponta. E destaca que esse papel de protagonismo também contribui para quebrar a relação histórica de tutela que foi estabelecida pelo Estado brasileiro em relação aos povos indígenas.

Texto de Gabriela Amorim | Brasil





Dona Nazaré e as parteiras que reflorestam o Alto do Juruá

Em muitos territórios brasileiros, onde o acesso à saúde ainda é precário, as parteiras desempenham não só a função de assistir aos partos, mas também de cuidar da saúde de toda a comunidade, além de guardar e transmitir o conhecimento popular sobre o uso de plantas medicinais. É o que acontece, por exemplo, no município de Marechal Thaumaturgo, que fica no Acre, na fronteira entre o Brasil e o Peru.

Lá, Maria de Nazaré Nogueira Maia aprendeu com sua mãe a partejar e também os usos das plantas medicinais da floresta. E segue cuidando da sua comunidade, nos partos, ensinando a usar as plantas para os cuidados com a saúde, mas também ajudando na organização popular para reivindicar um melhor e maior acesso a direitos básicos, como alimentação e saúde.

Em 1998, aos 18 anos, Nazaré iniciou sua trajetória de luta ao lado da comunidade, ao compor o primeiro conselho deliberativo da recém-criada Reserva Extrativista do Alto Juruá. De lá para cá, passou a atuar também junto às organizações de mulheres negras, às pautas sobre a violência contra a mulher, da diretoria de sindicato de trabalhadores rurais, além, claro, da organização junto às parteiras do município.

Foi ainda muito nova, com apenas três partos realizados, que Nazaré participou da retomada da Associação Maria Esperança de Parteiras Tradicionais da Floresta. Ela conta que a organização passou por um longo período de inatividade após sua diretora sofrer uma

agressão. Naquela época, não havia assistência médica nem mesmo na sede urbana do município. “Naquele tempo, abaixo de Deus eram as parteiras. As parteiras eram enfermeiras, eram médicos, eram tudo. E o remédio era a medicina tradicional das ervas”, conta.

Foi a partir da gestão de Nazaré que a associação passou a ser formalizada, com toda a documentação em dia, e, assim, pôde começar a concorrer a editais. “Hoje nossa associação já tem o básico pra trabalhar”, comemora. E acrescenta que todas essas conquistas só foram possíveis graças a parcerias que têm fortalecido a organização dessas mulheres. A parteira destaca o papel da CESE no fomento à qualificação para que consigam atuar de maneira mais assertiva na captação de recursos, por exemplo.

Atualmente, são 64 associadas, mulheres negras, ribeirinhas, indígenas, agricultoras e seringueiras. Diante dessa diversidade, Nazaré explica que os projetos executados pela associação são igualmente diversos, vão desde a garantia de exames oftalmológicos e óculos para as parteiras até a venda direta ao Estado de alimentos produzidos por aquelas que são agricultoras.

Em 2024, mais de 40% do município de Marechal Thaumaturgo foi atingido por uma grande cheia do Rio Juruá que fez mais de 8 mil vítimas, entre pessoas que ficaram isoladas, sem acesso a comida e medicamentos, até aquelas que perderam a casa levada pela enxurrada. Antes disso, a população havia acabado de passar por uma seca muito intensa. Nazaré aponta esses eventos extremos como consequências do desmatamento da floresta e o consequente aquecimento global. Ela acrescenta que, preocupadas com o futuro da comunidade e do mundo, as mulheres que fazem parte da sua comunidade têm se organizado para plantar e reflorestar áreas degradadas.

“Nós temos um ditado que diz ‘se a mulher não planta, o povo não janta’”, conta Nazaré, explicando a importância da ação de plantio e recuperação após eventos tão extremos no município. “A gente achou que assim podia fortalecer, né?! É coisa pouca, coisa pouca. Mas é o que a gente pode”, finaliza.

Texto de Gabriela Amorim | Brasil





**DOE E CONTRIBUA COM O
PROGRAMA DE PEQUENOS
PROJETOS DA CESE**

www.cese.org.br | @cesedireitos



PIX: cese@cese.org.br



www.CESE.org.br



doar 
PARA transformar